



Pista de borda, que ligará a área detrás da Igreja do Bonfim à Pedra Furada, no Monte Serrat, começou a ser construída há menos de um mês. Projeto da Conder preocupa moradores

ATERRAMENTO BONFIM-MONTE SERRAT

Mar adentro

Construção de pista sobre praia gera indignação na Cidade Baixa

Clarissa Pacheco e Victor Lahiri

mais@redabahia.com.br

Levar os cães para um passeio na praia, sentar na areia com os filhos para conversar ou mesmo deitar em uma cama para tomar um sol eram atividades que uma moradora da Rua Artur Matos, no Bonfim, conseguia fazer a poucos metros de casa. O espaço de lazer, nos fundos da Igreja do Bonfim e de frente para a Baía de Todos os Santos, desapareceu nas últimas semanas.

Uma estreita faixa de areia, entre o Porto da Lenha e a Pedra Furada, deu lugar, há menos de um mês, a caçambas, pedras, tratores e operários. Não existe mais areia. Agora, o que se vê na praia é um caminho de pedras, prenúncio de uma via de borda que vai ligar a Avenida da Constelação ao Estaleiro da Ribeira. “De borda” é o nome oficial: a via que está sendo cons-

truída passa por cima mesmo, por dentro do mar.

“Nunca vi algo assim em minha vida. Acabar com uma praia e construir uma via em cima da área da maré. Isso vai contra toda a política de responsabilidade ambiental de qualquer projeto hoje em dia”, reclama a moradora, que hoje convive com o barulho produzido pelo maquinário.

Uma placa na entrada da Praça Teodósio Rodrigues de Faria diz que o projeto, iniciado em 2010, é de ‘Requalificação Urbana na Localidade de Mirante do Bonfim e Pedra Furada’. A intervenção integra o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), com aporte de R\$ 9.294.941,39.

Segundo o projeto original, a via de borda, já em construção, lançará o fluxo de veículos vindos da Pedra Furada e da Avenida Constelação na Rua Artur Matos. Mas a Companhia de Desenvolvimento Urbano da Bahia (Conder), responsável pela obra, não teria se reunido antes com a comunidade para mostrar o projeto. “Ninguém se reuniu com o pessoal aqui. Quando perguntávamos aos técnicos que vi-



Trecho da Rua Artur Matos, onde começa a nova pista, já interditado



Máquina no local: vizinhança acreditava que era só pra construir praça

nham fazer as medições, diziam que ia ser construída uma praça. Depois que confrontamos a Conder, eles disseram que foram realizadas mais de 70 reuniões com os moradores da Pedra Furada”, conta a moradora, sob anonimato.

IMPACTO O urbanista Alexandre Dias, antigo morador da Artur Matos, se diz intrigado com a forma como a obra está sendo feita. “Isso é um crime contra o meio ambiente. Eu trabalho com isso e para conseguir licença é uma dificuldade. Como é que se autoriza uma via passando dentro do mar?”, questiona.

O projeto da Conder para o local consiste em reurbanizar a região de beira-mar da Pedra Furada, retirando construções irregulares, criando uma via de borda e implantando área de lazer e esportes, calçadão, ciclovia e parque infantil.

Para isso, a companhia planeja relocar os moradores das palafitas da Pedra Furada e de casas em áreas de encosta – cerca de 100 famílias – para um residencial do Minha Casa Minha Vida, que ainda vai ser construído na antiga fábrica

da Antártica, no Bonfim. “A pista foi pensada como uma barreira física para evitar que novas ocupações nas encostas e de palafitas voltem a acontecer naquela área”, explica o coordenador de projetos da diretoria de Habitação da Conder, o urbanista Gilbert Santos. Ele não vê agressão ambiental na obra. Pelo contrário, considera um projeto de “cunho social e ambiental”.

A superintendente de Habitação da Conder, Adriana Luz, diz que a via é uma solução para o problema de poluição na área. “O caminhão de lixo não chegava ali e os moradores da parte alta jogavam o lixo direto no mar”, ilustra.

DOCUMENTAÇÃO Insatisfeitos com o impacto da obra, os moradores da Artur Matos denunciaram a situação ao Ministério Público (MP-BA). Contudo, em função de a faixa de areia pertencer à União, o promotor de Meio Ambiente, Luciano Santana, repassou o processo ao Ministério Público Federal (MPF). A documentação chegou ao MPF na segunda-feira (15) mas, por um problema no sistema, o caso só foi repassado na sexta à procuradora Caroline Rocha Queiroz, do 4º Ofício (Meio Ambiente e Patrimônio Cultural).

Antes de passar o caso ao MPF, Santana pediu explicações à Conder, à Secretaria Municipal da Cidade Sustentável (Secis), à Superintendência de Controle e Uso do Solo (Sucom) e ao Instituto de Criminalística Afrânio Peixoto. “Nós solicitamos a fiscalização no local para verificar a procedência da reclamação. Decidi solicitar logo essas diligências devido à urgência desse caso”, diz o promotor.

Coordenadora da obra pela Conder, a arquiteta e urbanista Célia Sá diz manter a promotoria informada a cada dois ou três meses. “O MP-BA já estava acompanhando há um tempo por conta da poluição daquela área”, explica Célia.

Já a Secis repassou a demanda à Secretaria Municipal de Urbanismo (Semut). Em nota, a pasta afirma que a licença ambiental, de 2010, foi renovada este ano, pois “o projeto apresentado estava conforme as exigências”, após análise de uma equipe técnica que visitou o local.

Também em nota, a Sucom informou que não encontrou alvarás para nenhuma obra naquela área. “Os funcionários do setor responsável pela liberação de licenças da Sucom não conseguiram localizar nenhum alvará concedido para aquela área, mas, por outro lado, a Superintendência não acredita que a Conder tenha iniciado a intervenção sem a licença necessária”. Por isso, a autarquia pediu mais informações à Conder.

ÁREA ONDE NOVA VIA DE BORDA SERÁ CONSTRUÍDA



EDITORIA DE ARTE / CORREIO

Prestes a deixar palafitas, pescador teme perder meio de se sustentar

O pescador José Orlando Pereira, que mora e vive da pesca na área que será desapropriada, teme que a saída do local não seja boa para ele e sua família. “Apesar das dificuldades, a vida aqui não é ruim. Se levarem a gente para o barro duro, ao menos tem que ser perto, para poder continuar com a nossa pesca. O que sustenta meus meninos é a

pesca”, afirma. Além da revitalização do Mirante do Bonfim e da Pedra Furada, o projeto prevê a relocação dos moradores de palafitas e encostas, segundo o presidente da Conder, José Ubiratan Matos. Ele estima que 100 famílias sejam levadas para casas populares, também no Bonfim. Apesar de o projeto ter sido feito há quatro anos, as obras só

começaram agora e têm prazo de dois anos para serem concluídas. As do condomínio ainda aguardam aval do Iphan e, depois, precisam de aval da Sucom. Depois de iniciadas, o prazo de conclusão também é de 24 meses. A superintendente de Habitação da Conder, Adriana Luz, garante que o projeto está pronto e a empresa já foi escolhida pela

Caixa. “O pessoal vai para aluguel social enquanto ficam prontas as unidades”, conta. Moradora da Pedra Furada, Livia dos Santos, 31, diz que apesar das reuniões com a Conder, ainda não sabe se será relocada. “Dizem, mas quem garante? Se me botar no barro duro e for ruim, eu vou para o interior”, desabafa. A ajuda do aluguel social é de R\$ 250.

Responsável usa poluição para justificar via sobre mar: ‘área degradada’

De acordo com o projeto da Conder, as duas comunidades com maior impacto social são a da Avenida Constelação, na Pedra Furada, e a do Estaleiro, na Ribeira, atrás da Igreja do Bonfim. Foi com essas comunidades que o coordenador de projetos da Diretoria de Habitação da Conder, Gilbert Santos, diz ter feito cerca de 70 reuniões. A coordenadora da obra pela Conder, a arquiteta e urbanista Célia Sá, conta que os moradores da Rua Artur

Matos procuraram o órgão para questionar a obra depois que as caçambas começaram a chegar por lá, há cerca de três semanas. Para a Conder, no entanto, a queixa dos residentes não recai sobre o impacto ambiental ou a construção da via. “Nós nos reunimos com eles depois disso, numa sexta-feira. O questionamento deles é pontual, é a ligação com a Rua Artur Matos, que é uma rua muito tranquila e sem saída. Foram enfáticos: ‘Nós

não somos contrários à obra’”, declara Gilbert Santos. O posicionamento do empresário Rafael Tavares, residente da Artur Matos, não contradiz a versão do coordenador da Conder. Ele reclama do impacto no clima de calma e tranquilidade do qual a rua gozava, ao mesmo tempo que julga a revitalização do trecho como necessária. “Há alguns anos, aquela praia deixou de ser utilizada pelos moradores, pois o mar dessa região acabou ficando contaminado com o descarte de lixo e entulhos”, relata o empresário. “Isso tudo somado à falta de estrutura como iluminação contribuiu para esse afastamento. Nós até concordamos com uma revitalização, mas somos contra a passagem de uma pista por ali”, afirma. Antônio Carlos de Souza, que é gerente de pátio da Marina Bonfim, única empresa que funciona no local, comentou que o temor da população é o fim da calmaria em que hoje vivem os moradores da rua. “Com um acesso como esse, vai aumentar demais o número de carros e de pessoas. Esse vaivém vai

acabar com essa tranquilidade que a gente tem por aqui”, lamenta Antônio. Para a coordenadora da obra, Célia Sá, os dados sobre o nível de poluição da praia por onde a pista passa sustentam a intervenção, mesmo que uma alteração na rotina da rua aconteça. “Existe um estudo do Inema que aponta que aquela é a praia mais poluída da Baía de Todos os Santos. Essa já era uma área degradada. Tomar banho nesse trecho é um risco para qualquer pessoa. Exatamente por ser uma área degradada é que a gente pensou nisso (na pista)”, afirma. A queixa dos moradores, segundo Gilbert Santos, reforçou a possibilidade de usar uma alternativa: a pista levaria o fluxo até um calçadão, que passa pelo píer da Marina Bonfim e vai até o Estaleiro, na Ribeira, mantendo a Rua Artur Matos como uma via sem saída. A proposta vai ser levada aos moradores, mas a dúvida não interrompe as obras. “A obra continua, porque não muda em nada a nossa concepção. Seria apenas fazer a sinalização, depois de pronto”, explica o coordenador de projetos.

MAURO AKIN NASSOR / ARQUIVO CORREIO



Pneu descartado em praia próxima à Pedra Furada: banhistas evitam